

# Variação no léxico do português falado por indígenas tembé da terra indígena Turé-Mariquita

*Variation in the lexicon of portuguese spoken by tembé indigenous people from of the  
Turé-Mariquita indigenous land*

Regis José da Cunha GUEDES\*

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará (IFPA)

**RESUMO:** Este artigo objetivou cartografar e discutir a variação semântico-lexical do português falado por indígenas Tembê em três aldeias da Terra Indígena Turé-Mariquita, localizada no município de Tomé-açu/PA. O estudo foi realizado sob a perspectiva teórico-metodológica da Moderna Dialectologia (Aguilera, 1994; Cardoso, 2010; Costa; Razky; Guedes, 2020), da Geossociolinguística (Razky, 1998; Guedes, 2017) e da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (Radtke; Thun, 1996). O *corpus* mapeado neste artigo foi constituído a partir de um recorte dos dados, coletados para a elaboração do Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará (ALEVA). A coleta dos dados mapeados se deu por meio aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2003), com adaptações. Foram selecionadas três cartas lexicais experimentais, dentre as elaboradas, a partir das quais foi realizada uma discussão acerca da variação lexical do português falado na terra indígena Turé-Mariquita, sob a perspectiva das variáveis diatópica, diagenérica, diageracional e dialingual. O mapeamento dos dados coletados nas aldeias demonstrou que o léxico dessas comunidades reflete o contínuo do falar regional do nordeste paraense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação Lexical. Português Indígena. Tembê. ALEVA.

**ABSTRACT:** This article aimed to map and discuss the semantic-lexical variation of the Portuguese spoken by Tembê indigenous people in three villages of the Turé-Mariquita Indigenous Land, located in the municipality of Tomé-açu/PA. The study was carried out from the theoretical-methodological perspective of Modern Dialectology (Aguilera, 1994; Cardoso, 2010; Coast; Razky; Guedes, 2020), Geosociolinguistics (Razky, 1998; Guedes, 2017) and Multidimensional and Relational Dialectology (Radtke; Thun, 1996). The corpus mapped in this article was based on a sample of data collected for the elaboration of the Linguistic-Ethnographic Atlas of the Acará Valley (ALEVA). The mapped data were collected through the application of the Semantic-Lexical Questionnaire (SLQ) of the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) project (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2003), with adaptations. Three experimental lexical charts were selected from among those elaborated, from which a discussion was carried out about the lexical variation of the Portuguese spoken in the Turé-Mariquita indigenous land, from the perspective of diatopic, diagenetic, diaageracional and dialingual variables. The mapping of the

---

\* Doutor em Letras: Área de Concentração em Estudos Linguísticos pelo PPGL da Universidade Federal do Pará. Professor Efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, *campus* Castanhal. e-mail: [regisbspaz@gmail.com](mailto:regisbspaz@gmail.com)

data collected in the villages showed that the lexicon of these communities reflects the continuum of regional speech in the northeast of Pará.

**KEYWORDS:** Lexical Variation. Indigenous Portuguese. Tembe. ALEVA.

## Introdução

Este artigo tem como objetivo cartografar e discutir a variação semântico-lexical do português falado por indígenas Tembé em três aldeias da Terra Indígena Turé-Mariquita, localizada no município de Tomé-açu/PA, no nordeste do Pará, distante aproximadamente cerca de 200 Km da capital do estado, Belém. Essa terra indígena compreende uma área de 149.4159 hectares (FUNAI, 2024), possuindo um total de 135 indígenas aldeados.

Essa investigação se inspirou nas pesquisas realizadas no âmbito dos estudos geolinguísticos em áreas indígenas no Brasil, que se expandiram a partir da criação de projetos como o do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB<sup>1</sup>, do projeto Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas – ALiPAI (Costa; Razky; Guedes, 2020), e do Atlas Linguístico Português Tupi-Guarani da Amazônia Oriental - ALiPTG. Esses estudos geolinguísticos desenvolvidos em comunidades tradicionais, como as indígenas, têm buscado registrar a diversidade linguística, valorizando a identidade cultural das comunidades de fala. O presente artigo mapeou um recorte dos dados pertencentes ao banco de dados do projeto Atlas Linguístico Etnográfico do Vale do Acará – ALEVA (Guedes, 2020).

Os pressupostos teórico-metodológicos adotados são os da Moderna Dialectologia (Aguilera, 1994; Cardoso, 2010; Costa; Razky; Guedes, 2020), da Geossociolinguística (Razky, 1998; Guedes, 2017) e da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (Radtke; Thun, 1996). Os aspectos metodológicos adotados neste estudo seguem os padrões de outros projetos de atlas criados no âmbito do projeto GeoLinTerm<sup>2</sup>. Os dados mapeados nas cartas experimentais do ALEVA discutidas neste artigo foram comparados aos dados do projeto Atlas Léxico Semântico do Pará – ALeSPA, descritos por Guedes (2012), e do Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas – ALiPAI, descritos por Guedes

---

<sup>1</sup> <https://alib.ufba.br/>

<sup>2</sup> Projeto Geossociolinguística e Socioterminologia, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFFA (PPGL). Disponível em: <https://geolinterm.com.br/>

(2017), projetos esses que têm como propósito estudar a variação linguística, a fim de cartografar as línguas em uso nessas comunidades de fala, formando repositórios da diversidade linguística do português brasileiro e de outras línguas faladas no território nacional.

Para este artigo, foram selecionadas três cartas, nas quais foi realizado um mapeamento geolinguístico de três itens lexicais: *gambá*, *galinha d'angola* e *penca*. Os dados pertencem ao banco de dados do projeto ALEVA e foram coletados<sup>3</sup> em três aldeias Tembé: Turé, Teknay e Kunawaru, da terra indígena Turé-Mariquita. No mapeamento foram consideradas as variáveis diatópica, diagenérica, diageracional e dialingual. Os dados mapeados foram comparados aos dados do português falado por não indígenas do estado do Pará, pertencentes ao *corpus* do projeto Atlas Léxico Semântico do Pará - ALeSPA, descritos por Guedes (2012), no intuito de responder à seguinte questão: o léxico do português indígena falado nessas três aldeias difere do português regional por influência do contato com a língua Tembé? O texto está estruturado em cinco seções: Introdução; Fundamentação Teórica; Metodologia; Apresentação e Discussão dos Resultados e Considerações Finais.

## 1 Fundamentação teórica

A língua portuguesa no Brasil começou a ganhar espaço no universo das comunidades de fala a partir do ano de 1534, com a implantação do regime das capitanias hereditárias e os fluxos migratórios decorrentes desse sistema. Sobre esse contexto histórico, Nascentes (1953, p. 9-10) esclarece:

A língua portuguesa no Brasil sofreu grandes alterações porque teve de ser aprendida por homens de duas raças que falavam línguas de estrutura inteiramente diversa do tipo flexional. O índio foi o primeiro que aprendeu o português; é natural, pois foi o povo autóctone. Só mais tarde aparece o outro fator etnográfico, o negro. [...] A escravidão vermelha precedeu à negra e daquela já se fala em 1531, quando Martim Afonso concedeu a Pedro de Góis permissão de levar para Europa dezessete escravos índios.

---

<sup>3</sup> A pesquisa de campo para coleta de dados do Projeto ALEVA está em andamento. Os dados parciais apresentados e discutidos neste artigo foram coletados pelo coordenador do projeto, Prof. Dr. Regis Guedes, e pela equipe de voluntários do projeto GeoFala (Geossociolinguística dos Falares Amazônicos), da UFRA *campus* Tomé-açu.

Passados mais de 500 anos do início desse processo de contato linguístico, constata-se que o mesmo representou para as comunidades indígenas um verdadeiro glotocídio<sup>4</sup>. Sobre isso Argolo (2013, p. 92) afirma:

A história linguística do Estado do Brasil e do Estado do Grão - Pará e Maranhão está fortemente marcada por genocídios e glotocídios – seja enquanto eram Estados independentes, seja depois da integração da região amazônica ao Estado do Brasil em agosto de 1823 –, tendo como resultado final, quase sempre – embora por diferentes caminhos e por diferentes espaços de tempo –, o domínio da língua portuguesa.

A variação linguística é uma característica das línguas vivas. Essa variação é influenciada por fatores internos e externos ao sistema. Entre os fatores intralinguísticos que influenciam a variação linguística, tem-se o contato linguístico. As migrações de populações humanas por um território acarretam o afastamento ou a aproximação de pessoas. Esse fenômeno influencia diretamente o uso da(s) língua (s) pelas comunidades de fala.

Os estudos da Dialetoлогия e da Geografia Linguística tradicionais se ocuparam, desde a sua gênese, no início do século XIX, com o mapeamento dos limites geográficos do uso das línguas e dialetos. Contudo, com o surgimento da abordagem da Geolinguística contatual, na perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional de Radtke e Thun (1996), diversos estudos dialetológicos se ocuparam de mapear os falares nas regiões em que se apresentam situações de contato linguístico, seja no interior do Brasil, como em comunidades indígenas ou de imigração, seja nas regiões fronteiriças. Como exemplo desses estudos, pode-se citar o pioneiro Atlas Linguístico Guaraní Románico – ALGR (Dietrich; Symeonids, 2009), bem como os projetos dos atlas ALiPAI e ALEVA, supramencionados. Esses estudos têm colaborado para a ampliação do conhecimento da diversidade linguística no Brasil, com suas peculiaridades e variedades regionais.

Estudos como este que aqui se apresenta possibilitam entender melhor o fenômeno da diversidade linguística, bem como identificar e valorizar as diversas culturas presentes em um território. Esses estudos na área da Dialetoлогия e Geolinguística vêm avançando consideravelmente no Brasil, como argumenta Isquerdo (2013, p. 339):

---

<sup>4</sup> “... deve-se compreender esse processo de exclusão e de morte de línguas (glotocídio) na História do Brasil como, em boa parte, produto do genocídio de povos indígenas e substituição de línguas autóctones pela língua do colonizador europeu” (SILVA, 2021, p. 28).

O Brasil assistiu, na última década, a uma significativa expansão nas pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, o que pode ser constatado pela existência dos inúmeros projetos de atlas linguísticos regionais em andamento em diferentes regiões brasileiras.

Os estudos dialetológicos modernos apresentam, portanto, essa tendência de identificar, descrever e situar a variação linguística conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Sobre isso, Cardoso (2010, p. 27) assevera que:

O interesse pelo estudo da diversidade de usos da língua é a evidência de certa preocupação universal com as diferenças dialetais perpassam a história dos povos em todos os momentos, ora como simples constatação, ora como instrumento político, ora como mecanismo de descrição das línguas.

Esse interesse em cartografar a diversidade linguística atrelada a fatores sociais, como a identidade e a história de uma comunidade, são marcas deste estudo, que dialoga com os conceitos supramencionados - Geolinguística Contatual, Dialetologia Pluridimensional e Relacional e a Geossociolinguística, uma vez que se ancora em quatro variáveis linguísticas: I - Variação Diatópica, que se refere à variação linguística no espaço geográfico. Essa variação geográfica pode revelar a identidade e a cultura de uma determinada comunidade de fala; I I- Diagenérica, relacionada ao sexo do falante, que permite comparar a fala de homens e mulheres; III - Diageracional, que se refere à faixa etária do falante e, IV- Dialingual, que trata das influências do contato de duas ou mais línguas no processo de variação dessas línguas.

Este artigo apresenta e discute dados do projeto ALEVA que, segundo Guedes (2017), pode ser classificado como um atlas de pequeno domínio:

Esses atlas de pequenos domínios focalizam o registro do português em espaços geográficos mais restritos e dão uma visão pontual e específica da realidade geolinguística do português falado nas comunidades de fala. Essas pesquisas constituem significativas contribuições para o conjunto das pesquisas nacionais no sentido de projetar uma imagem da língua portuguesa no Brasil a partir de realidades geolinguísticas específicas (Guedes, 2017, p. 26).

Por tanto, os atlas de pequenos domínios podem colaborar decisivamente para uma compreensão mais focalizada da variação linguística, uma vez que partem da realidade das comunidades de fala restritas a espaços geográficos relativamente pequenos. Justamente por isso, conseguem projetar uma visão mais ampla do microcosmo linguístico de uma comunidade.

## 2 Metodologia

Dentre os oito pontos de inquérito do projeto ALEVA, foram selecionados, para este artigo, três localidades: as aldeias Turé, Teknay e Kunawaru, pertencentes à Terra Indígena Turé-Mariquita, do povo Tembé, localizada no município de Tomé-açu/PA.

A formulação do perfil dos colaboradores dessa pesquisa seguiu o padrão e o rigor dos estudos da moderna Dialectologia. Em cada um dos pontos de inquérito, foram selecionados e entrevistados seis colaboradores, sendo três homens e três mulheres, distribuídos equitativamente nas seguintes faixas etárias: 10 a 12 anos, 18 a 30 anos e 50 a 75 anos. Os colaboradores precisavam ser indígenas naturais da Terra Indígena Turé-Mariquita. Quanto à escolaridade, todos os colaboradores possuem nível de escolaridade menor ou igual ao ensino fundamental completo. No quadro a seguir (Quadro 1) é apresentado o perfil dos colaboradores selecionados e os códigos utilizados para a identificação dos mesmos no corpo das cartas linguísticas.

**Quadro 1 - Perfil do colaborador - Projeto ALEVA**

<b>CÓDIGO</b>	<b>SEXO, IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
MC	1 Menino, 10-12 anos	Matriculado na escola
FC	1 Menina, 10-12 anos	Matriculado na escola
MA	1 Homem, 18-30 anos	não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
FA	1 Mulher, 18-30 anos	não escolarizada ou escolarizada até a 8ª série (9º ano)
MB	1 Homem, 50-75 anos	não escolarizado ou escolarizado até a 8ª série (9º ano)
FB	1 Mulher, 50-75 anos	não escolarizada ou escolarizada até a 8ª série (9º ano)

**Fonte:** Projeto ALEVA (2020)

As entrevistas foram realizadas *in loco* pela equipe do projeto GeoFala da UFRA *campus* Tomé-açu, por meio da aplicação do Questionário<sup>5</sup> Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2003). As entrevistas foram gravadas com auxílio de gravadores digitais e a partir de aplicativos de gravação em aparelhos de celular. O QSL utilizado é dividido em áreas semânticas e formado por 202 perguntas que objetivaram captar a diversidade lexical da

---

<sup>5</sup> Para a coleta de dados do ALEVA também foram aplicados o Questionário Fonético-Fonológico do Projeto ALiB e um questionário sociolinguístico elaborado pela equipe do projeto ALEVA, contudo, os dados coletados por meio desses questionários não foram utilizados neste artigo.

língua portuguesa falada no Brasil. Porém, na aplicação do questionário foi realizada uma adaptação metodológica que objetivou registrar o nível de conhecimento<sup>6</sup> da língua Tembé pelos colaboradores. Após cada pergunta dos questionários, os colaboradores eram indagados: “e na sua língua indígena, como se chama isso?”. Ao final de cada entrevista, os colaboradores eram convidados a fazer um relato de experiência pessoal ou contar uma história tradicional da etnia.

Seguindo os pressupostos de Radtke e Thun (1996), foi utilizada a técnica da pesquisa em três tempos: perguntar, insistir e sugerir, o que possibilitou uma coleta produtiva dos itens lexicais em língua portuguesa.

Para a construção das cartas linguísticas experimentais, foram selecionados três itens lexicais, correspondentes às questões 42, 67 e 71<sup>7</sup> que integram o Questionário Semântico-Lexical utilizado.

As cartas linguísticas foram elaboradas utilizando-se o *software* CorelDRAW. O mapa base foi construído a partir do *software* ArcGIS. As cartas são apresentadas e os dados discutidos na seção a seguir. Dessa forma, considera-se este estudo uma contribuição para o mapeamento dos dados do projeto Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará (ALEVA).

### 3 Apresentação e discussão dos resultados

Nesta seção, são apresentadas e discutidas as três cartas lexicais experimentais selecionadas entre as elaboradas a partir dos dados do ALEVA para este artigo. Os dados geossociolinguísticos mapeados são discutidos em vista dos percentuais de ocorrência das formas cartografadas, e das variáveis diatópica, diagenérica e diageracional.

---

<sup>6</sup> Um dos objetivos do projeto ALEVA é estudar a variação dialingual, no intuito de mapear sinais dos diferentes níveis de bilinguismo da comunidade, considerando-se as três faixas etárias previstas. Foi justamente isso que motivou a inclusão da primeira faixa etária com duas crianças de 10 a 12 anos, [uma inovação nos estudos dialetológicos], visto que um dos fatores considerados para se avaliar a vitalidade de uma língua é a transmissão direta da mesma para as crianças.

<sup>7</sup> QSL/42 - PENCA [... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?]; QSL/67 - GALINHA-D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR [... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?]; QSL/71 – GAMBÁ [... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?].

Nas análises, discute-se também a influência da variável dialingual na variação do português falado pelos indígenas. Observando-se o nível de bilinguismo dos colaboradores entrevistados nos três pontos de inquérito em questão, ressalta-se o fato de não ter havido respostas em língua Tembé, de nenhum dos colaboradores entrevistados, para as três questões do QSL em estudo (42, 67 e 71). Todos afirmaram não conhecer uma palavra em língua Tembé correspondente às fornecidas como respostas para as perguntas já respondidas em língua portuguesa.

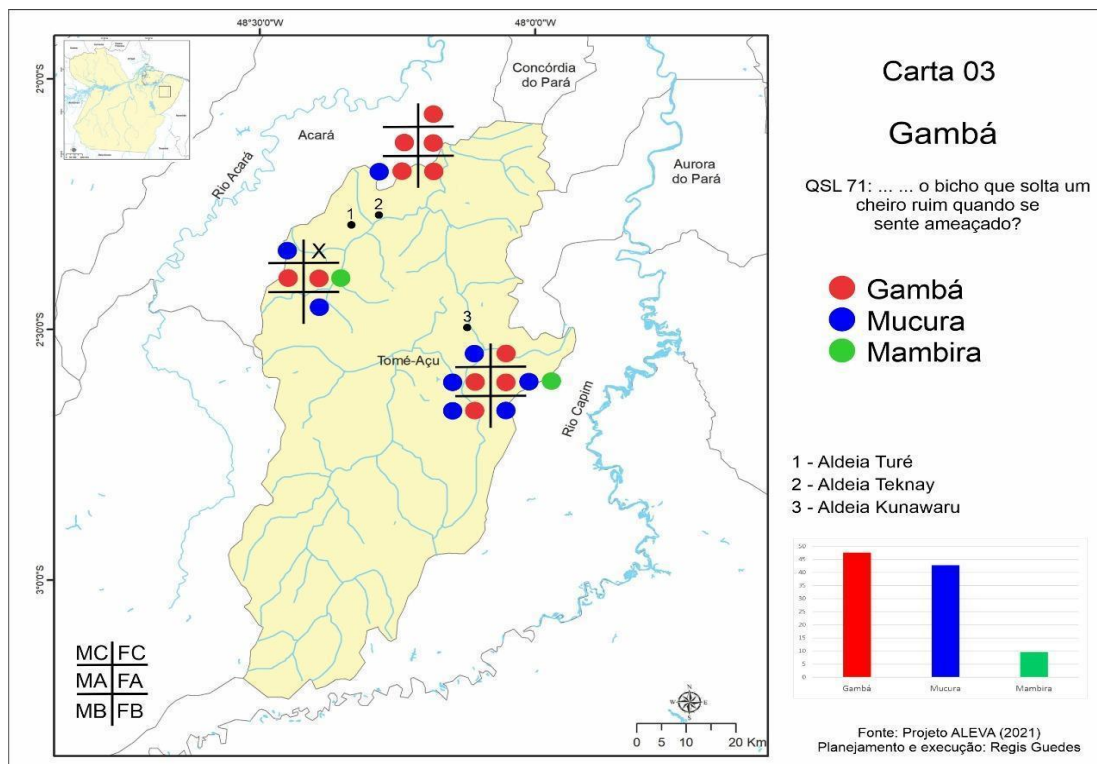
Além disso, os dados de fala das três comunidades Tembé estudadas são comparados aos dados de fala de não indígenas, registrados em cartas linguísticas experimentais para o projeto Atlas Léxico Semântico do Pará (ALeSPA), elaboradas por Guedes (2012).

A carta 03 (figura 1) foi elaborada a partir dos dados apurados como resposta para a questão 71: “...o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?”. Foram registradas três variantes lexicais: *gambá*, *mucura*, *mambira*, sendo que *gambá* alcançou 47,6% do total de ocorrências, *mucura* obteve 42,8%, e *mambira* 9,6%.

Do ponto de vista da variável diatópica, a carta 3 evidencia a predominância da forma lexical *gambá* nos três pontos de inquérito investigados (aldeias Turé, Teknay e Kunawaru); o mesmo ocorreu com *mucura* que também foi registrada nos três pontos de inquérito (aldeias Turé, Teknay e Kunawaru). *Mambira*, por seu turno foi registrada somente nos pontos 1 e 3 (Turé, Kunawaru).

**Figura 1 - Carta 03 – Gambá (ALEVA)**





Fonte: Elaborado pelo autor

Em referência à variação diagenérica, a carta 03 (figura 1) projeta a predominância da denominação *mucura* na fala dos colaboradores do sexo masculino, com 62,5% das ocorrências contra 37,5% para o sexo feminino.

Atentando-se para a questão etimológica, observa-se que a unidade lexical *mambira* ocorreu apenas na fala de duas mulheres (FA - pontos de inquérito 1 e 3). É possível que haja uma motivação no contato com a língua Tembé para a constituição do item lexical *mambira*, a partir de /me'mi.ra/, como Boudin (1978, p. 133) registra em seu Dicionário de Tupi Moderno (dialeto tembé-ténêthar do alto rio Gurupi):

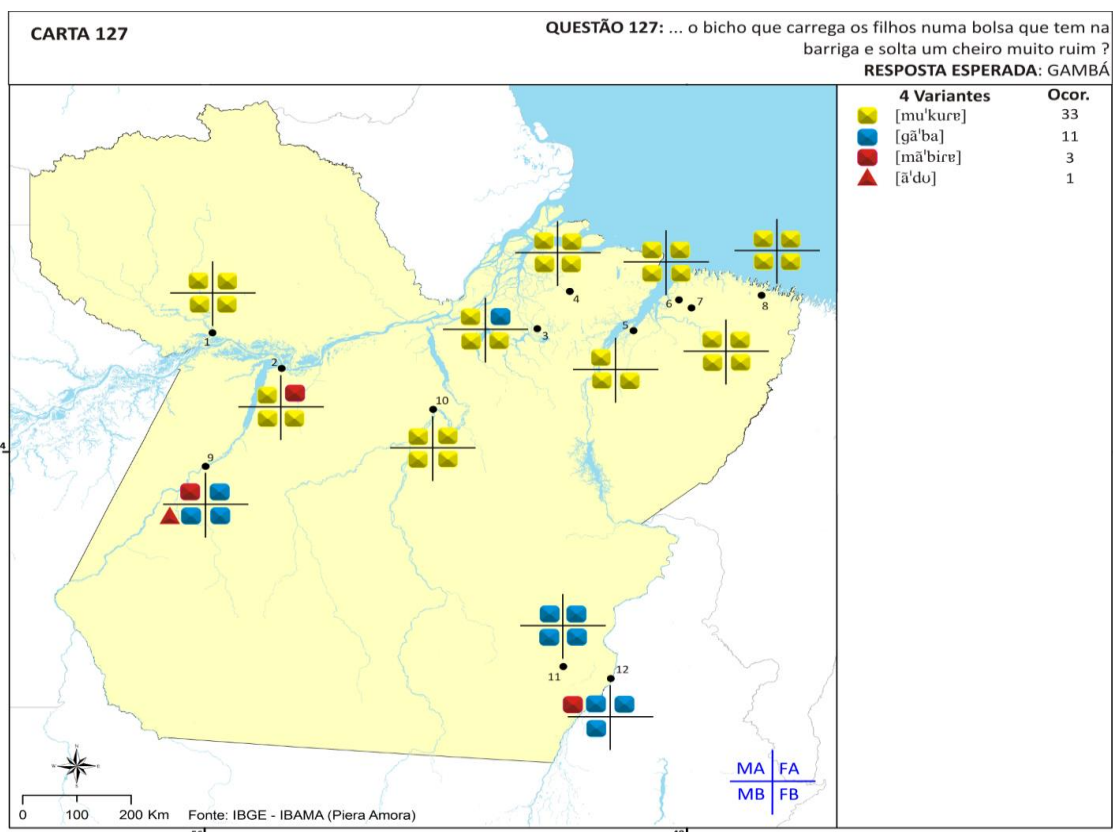
**Mêmir** (Restivo p. 496 - **membir** = simiente de las mugeres porque tienem marido), filho, filha, parir (M.F.) (guar.; **membir'**.); **mémir'ar** = parir, ter filho, abortar (cf. H.F. **ta'l'ar**; **ko-kuza i-mémir'ar** = esta mulher teve filho, abortou: **mémir'ar- -ma'ê** = parida: **m.êml-hêm** (etim; **hêm** = sair: **mêmlr** = filho, filha) = dar à luz.

A referência à “mulher que deu à luz”, “ter filho” ou “abortar” pode ter induzido o surgimento do item lexical para definir o marsúpio em questão e, posteriormente, o seu empréstimo à língua portuguesa, visto que uma das características marcantes da fisiologia

desse animal é a forma como leva seus filhotes em uma bolsa (marsúpio) por meses, até a maturidade dessas crias, o que os difere dos demais mamíferos do continente.

Observando-se a carta 127 (figura 2), apresentada seguir, elaborada por Guedes (2012), a partir do banco de dados do projeto Atlas Léxico Semântico do Pará – ALeSPA, que mapeou o português falado em municípios da zona rural do estado do Pará, verifica-se que a variante predominante no estado é *mucura*.

**Figura 2 - Carta 127 – Gambá (ALeSPA)**



**Fonte:** Guedes (2012)

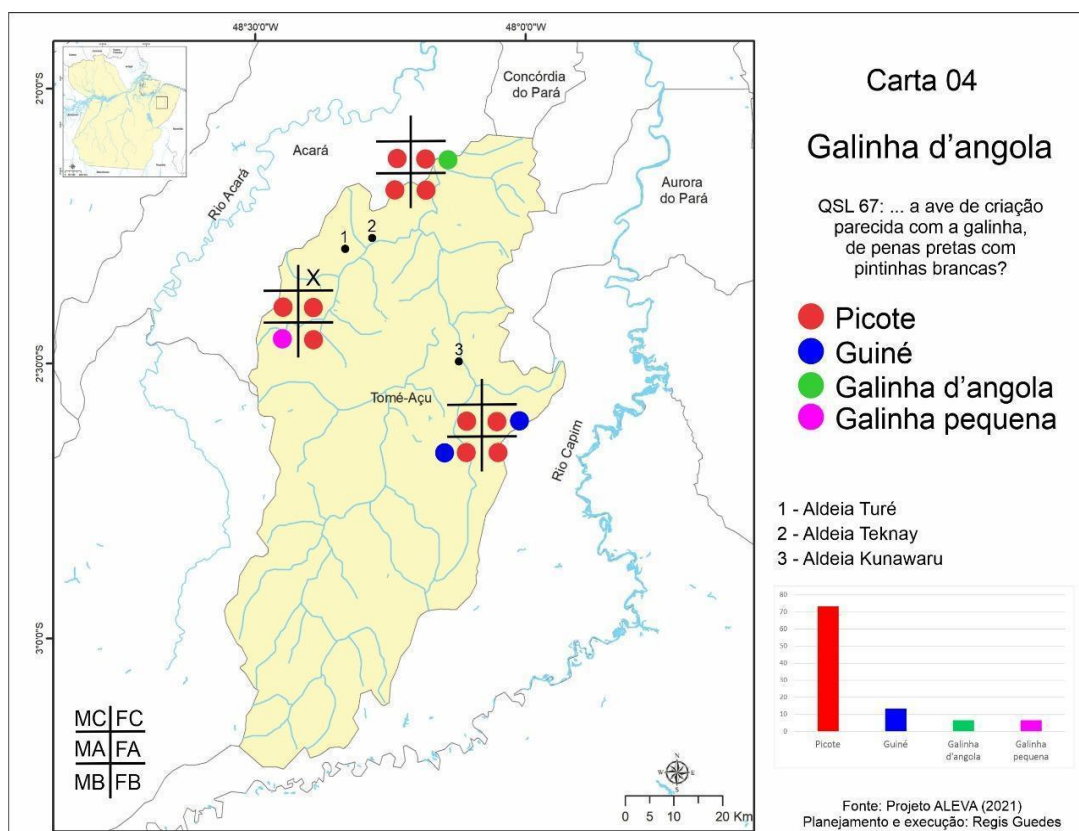
Porém, ao se observar especificamente a região nordeste do estado do Pará, na figura 2, onde está localizada a Terra Indígena Turé-Mariquita, que é o *locus* da pesquisa a que se vincula este estudo, verifica-se que a forma *mucura* é a predominante nessa região do estado. Dessa forma, é possível afirmar que o português falado pelos indígenas entrevistados (dados do ALEVA) segue um padrão regional falado pelos não indígenas da zona rural localizada no entorno da terra indígena (Dados do ALeSPA) (Guedes, 2012).

Vale ressaltar que *mucura* tem etimologia ligada às línguas pertencentes à família Tupi-Guaraní, como é o caso da língua Tembé. Em seu Dicionário de Tupi Moderno (dialeto tembé-ténêthar do alto rio Gurupi), Boudin (1978, p. 136) apresenta a seguinte definição para esse item lexical:

**Mi'.kur** (idem· m.wlkur; Mont. II p. 213 - m'hicú = zorillo), gambá, mucura (Marsupial): m.l'.kur hl'.yê pirêr = a bolsa da fêmea do gambá - vide· tiyé (gUar. · m.bikú); m.l- kuri = esp. de mucura de pequeno tamanho: mlkur-ka'a = esp. De planta não identificada, · usada como remédio esfregando-a na parte doente do corpo (trad. erva de mucúra): mlkur-pihun = esp. de mucura preta: mlkur(u)-ting = esp. de mucura branca: m.ikur wa-nu(w) angaw = pai adotivo de mucura (qualifica o pagé).

Na carta 04 (figura 3), apresentada a seguir, elaborada com dados obtidos por meio da questão 67: “...a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?”, a unidade lexical mais frequente foi *picote*, com 73,3% das ocorrências, *guiné* obteve 13,5% e *galinha d'angola* e *galinha pequena* alcançaram 6,6% cada uma.

**Figura 3 - Carta 04 – Galinha d'angola (ALEVA)**

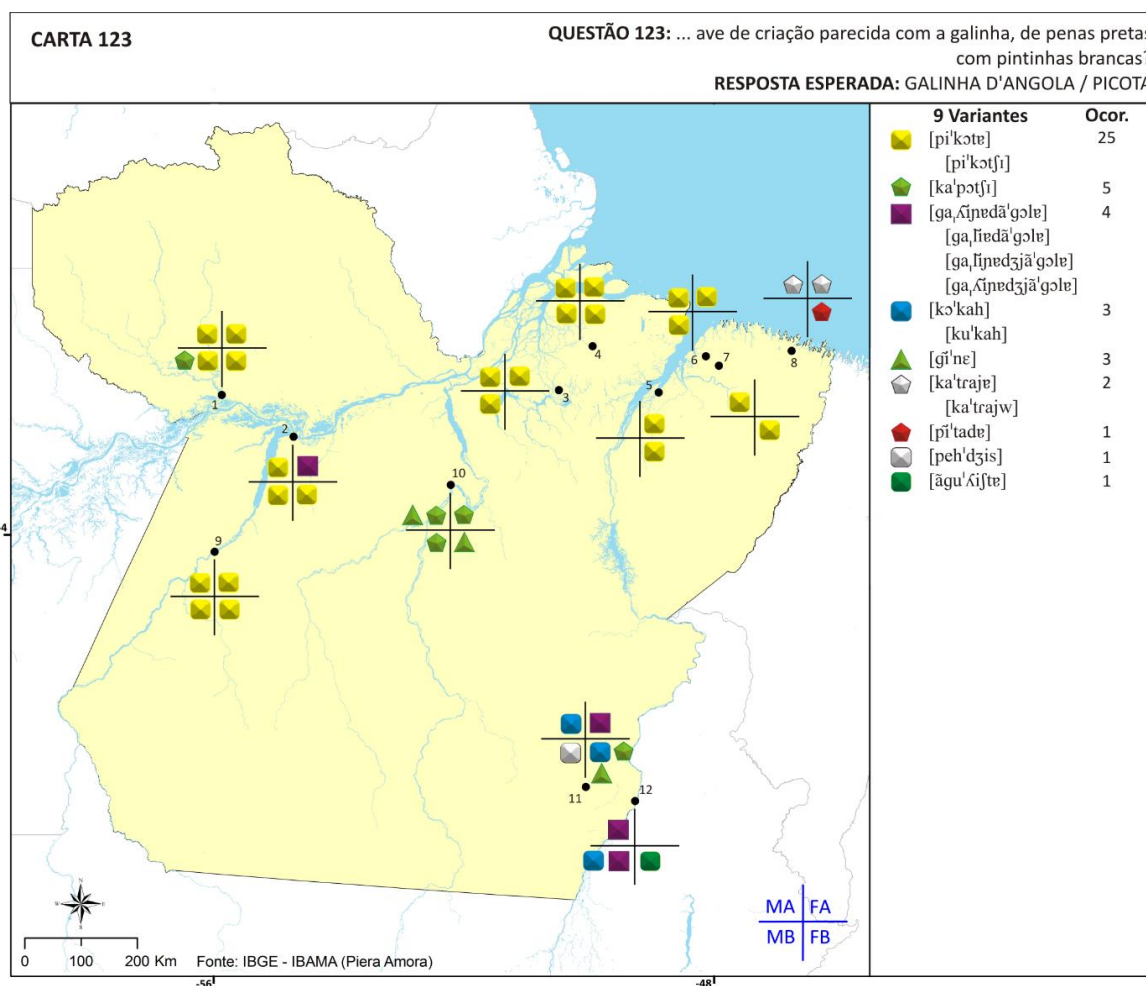


Fonte: Elaborado pelo autor.

Em referência à variável diatópica, a carta apresenta uma predominância da lexia *picote* nos três pontos de inquérito investigados (aldeias Turé, Teknay e Kunawaru). Por seu turno a unidade lexical *guiné* foi registrada somente no ponto 3 (Kunawaru). No que se refere à variação diageracional, a carta projetou o fato de não haver registros de nenhuma das variantes na fala dos colaboradores da primeira faixa etária (MC e FC – 10 a 12 anos).

Observando-se a carta 123 (figura 4), apresentada a seguir, elaborada por Guedes (2012), a partir de dados do projeto ALeSPA, de municípios da zona rural do estado do Pará, verifica-se que a variante predominante no estado é *picote*.

**Figura 4 - Carta 123 – Galinha D'angola (ALeSPA)**

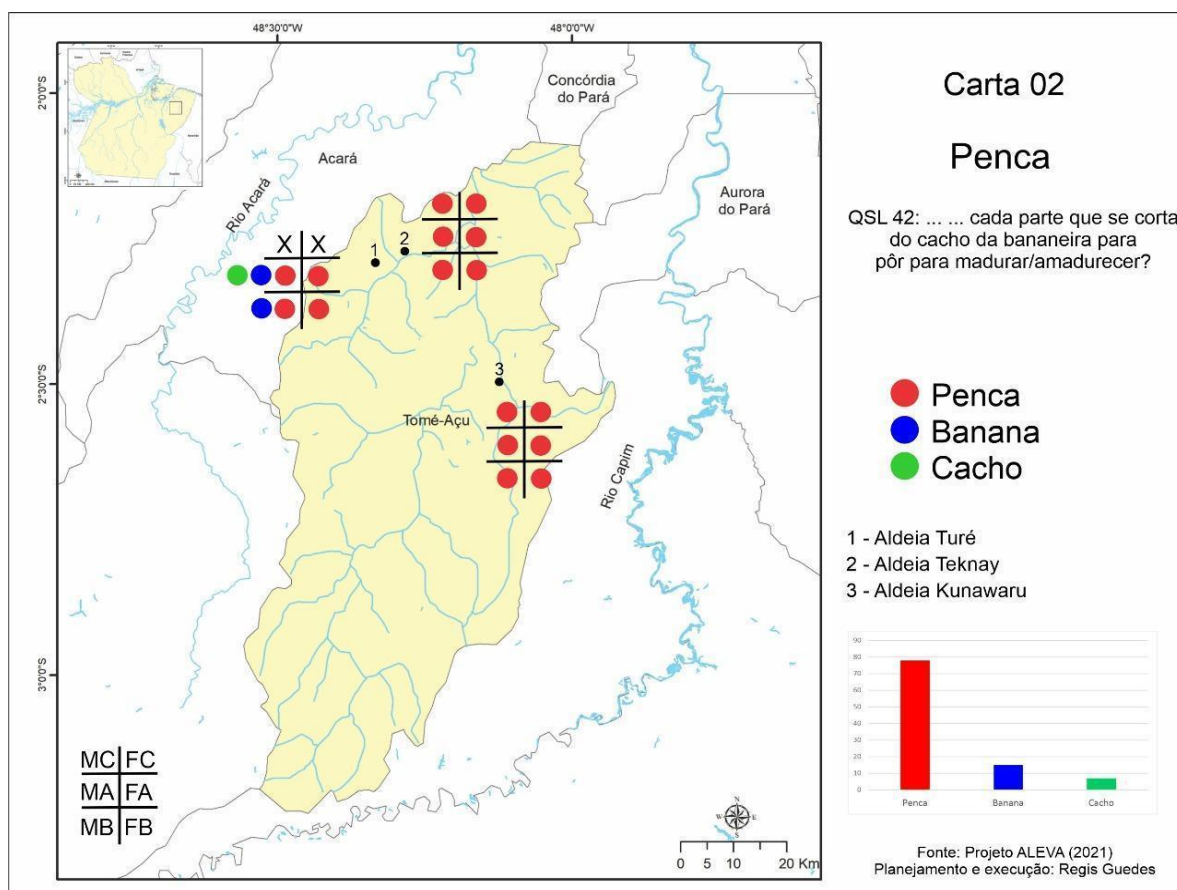


A partir da leitura da figura 4, a exemplo do que se observou sobre o item anteriormente analisado, verificou-se que a unidade lexical *picote* é predominante no

estado como um todo, inclusive na região nordeste, na qual está localizada a Terra Indígena Turé-Mariquita. A mesma afirmação feita em relação ao item *mucura*, na carta 127 (figura 2), pode ser feita a respeito de *picota*. Assim, é possível afirmar que o português falado pelos indígenas entrevistados segue um padrão regional falado pelos não indígenas das comunidades envolvidas.

A carta 02 (figura 5), apresentada a seguir, corresponde à questão 42: “...cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?”. Do ponto de vista diatópico, a forma lexical *penca* ocorre com maior frequência nos três pontos de inquéritos analisados. Todavia, na aldeia Turé foram registradas outras duas variantes lexicais (*banana* e *cachos*). A respeito da variação diagenérica, observou-se que *banana* e *cachos* ocorrem apenas na fala dos homens adultos.

**Figura 5 - Carta 02 – Penca (ALEVA)**



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Observando-se os dados do projeto ALEVA, cartografados nas três cartas experimentais apresentadas e discutidas, verifica-se que a variação lexical do português

falado pelos indígenas nos três pontos de inquéritos investigados representa um contínuo de fala em relação às comunidades não indígenas do entorno da terra indígena.

Esse dado se coaduna com os resultados descritos por Costa, Razky e Guedes (2020) e por Guedes (2017), estudos realizados, a partir do banco de dados do projeto ALiPAI, com cinco terras indígenas dos estados do Pará e Maranhão, cujos indígenas aldeados são falantes do português e de línguas e são pertencentes à família Tupi-Guarani (Tembé, Asuriní do Trocará, Suruí Aikewara, Guarani Mbya e Guajajara). Os colaboradores dos estudos referidos foram submetidos aos mesmos processos metodológicos do estudo aqui apresentado. Os resultados de Guedes (2017) demonstram que, do ponto de vista da variação fonética dialingual, o português falado pelos indígenas das comunidades estudadas representa um contínuo de fala em relação às comunidades envolvidas, apresentando um grau baixo de marcas fonéticas das línguas indígenas faladas nas comunidades.

Dessa forma, pode-se dizer que o presente estudo reflete o mesmo fenômeno, tratando-se da variação lexical dialingual. Isso porque as três cartas lexicais experimentais, produzidas com dados do projeto ALEVA, aqui apresentadas e discutidas, projetam lexias de origem tupi, a exemplo de *mambira* e *mucura*, segundo Boudin (1978), em seu Dicionário de Tupi Moderno (dialeto tembé-ténêthar do alto rio Gurupi). Esses registros rememoram a contribuição das línguas autóctones do Brasil para a constituição do léxico do português brasileiro. Assim, do ponto de vista lexical, esses fatos linguísticos representam rastros do substrato linguístico de matriz Tupi-Guarani, presente no português brasileiro falado na região amazônica, que preserva itens lexicais presentes em diversas línguas indígenas faladas na região, como a Língua Geral Amazônica (Nheengatu), o Assuriní do Tocantins, o Suruí-aikewara, o Tenetehára-Tembé, dentre outras.

## **Considerações finais**

O presente estudo proporcionou o mapeamento geossociolinguístico de uma parcela dos dados do projeto ALEVA, o que leva a considerar que o seu objetivo foi atingido. O mapeamento dos dados de fala dos colaboradores entrevistados nas três

comunidades indígenas estudadas demonstrou que o léxico do português falado nessa terra indígena reflete um contínuo de fala em relação ao português regional.

Essas conclusões foram possíveis a partir da intercomparação desses resultados com os de outros estudos realizados a partir de dados dos projetos ALiPAI e ALeSPA, além de projetarem a influência representativa das línguas indígenas, em especial as do tronco Tupi, na formação do léxico do português brasileiro falado na região mapeada. Destacamos aqui o registro dos itens lexicais em língua Tembé: *mucura* a partir de /mi'.kur/ e *mambira*, a partir de /me'mi.ra/, por Boudin (1978) em seu Dicionário de Tupi Moderno (dialeto tembé-tênêthar do alto rio Gurupi).

Ademais, este estudo enseja a continuidade do mapeamento do *corpus* do projeto ALEVA, no intuito de investigar a variação lexical e fonética presente no português falado na região do Vale do Rio Acará, no estado do Pará.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, 1994. 411 p.

ARGOLO, Wagner. Migração e glotocídio: o caso de uma língua geral. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 91-101, abr./jun. 2013.

BOUDIN, Max Henri. **Dicionário de tupi moderno**: dialeto tembé-tênêthar do alto Rio Gurupi. v.1-2. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

BRASIL. Ministério da Justiça. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. **Sistema indigenista de informações**. [Brasília]: Disponível em: [http://sii.funai.gov.br/funai\\_sii/informacoes\\_indigenas/visao/visao\\_terras\\_indigenas\\_display.wsp?tmp.edt.terrai\\_codigo=47301](http://sii.funai.gov.br/funai_sii/informacoes_indigenas/visao/visao_terras_indigenas_display.wsp?tmp.edt.terrai_codigo=47301). Acesso em: 09 mar. 2024.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, 2014. v. II.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Instituto de Letras, 2003 (Não publicado)

COSTA, Eliane Oliveira; RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha. O português falado em comunidades indígenas de língua Tupi-Guarani nos estados do Pará e Maranhão: o contínuo dialetal étnico/não-étnico no campo semântico Atividades

Agropastoris. **DELTA**. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 36, p. 1-20, 2020.

DIETRICH, Wolf; SYMEONIDIS, Haralambos. Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR), T1: Léxico del cuerpo humano. In: THUN, Harald *et al.* **Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR)**. Kiel: Westensee-Verlag, 2009.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará**. 2012. 189f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. 2017. 295f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

GUEDES, Regis José da Cunha. Imagens preliminares do Atlas Linguístico-etnográfico do Vale do Acará. **Moara**, n. 55, p. 71-88, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9043>. Acesso em: 09 mar. 2024.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2013, p. 335-356.

NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz. In: RADTKE, E.; THUN, H. (Ed.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz**. Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee Verl, 1996.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolingüística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UE, 1998, p. 155-164.

SILVA, Fabiana Pereira da. **Por que falamos apenas a língua do colonizador?: didatização da problematização do glotocídio (indígena) no sertão alagoano**. 2021, 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade Federal de Alagoas, 2021.